

“Acima das nuvens e abaixo dos céus”: uma análise da cosmologia dos encantados no tambor de mina em São Paulo¹

Yasmin Estrela²

Resumo

Esta pesquisa tem por objetivo investigar a cosmologia dos “encantados”, uma categoria específica de entidades que teve origem na região amazônica, mas hoje se encontra difundida em várias cidades do Brasil, inclusive naquelas mais urbanizadas, como São Paulo. Segundo os religiosos, o encantado é uma divindade que tendo vivido na terra não passou pelo processo de morte, se “encantou”. Este processo de encantamento ocorre em diversos espaços da natureza, como rios, praias e florestas, criando um “espaço mitológico” chamado “encantaria”, localizado, ainda segundo os religiosos, “acima das nuvens e abaixo dos céus”. Neste sentido, o encantado coloca em perspectiva algumas categorias sociais fundamentais como vida e morte, por não estarem localizados em nenhuma das duas lógicas, ou tempo e espaço, por estarem associados a um “tempo fora do tempo” e a um espaço mítico (encantaria) que embora possa se referir a lugares geograficamente identificáveis (como rios e florestas) fazem alusão a eles enquanto portais ou passagens para outras dimensões cosmológicas. A pesquisa atualmente está em desenvolvimento trabalhando com esta categoria de entidades na cidade de São Paulo trazida de Belém do Pará por Pai Francelino de Xapanã, primeiro fundador da Casa de Minas de Thoya Jarina atualmente dirigida por Márcio Adriano.

Palavras-chave: encantaria, tambor de mina, cosmologia

Abstract

This research aims to investigate the cosmology of the "encantados" a specific category of entities originating in the Amazon region but now found in various cities across Brazil, including highly urbanized ones like São Paulo. According to religious beliefs, an encantado being is a deity who lived on earth but did not undergo the process of death; instead, they became "encantado". This process of enchantment takes place in various natural settings such as rivers, beaches, and forests, creating a "mythological space" called "encantaria," which, according to believers, exists "above the clouds and below the skies." In this sense, encantados beings challenge fundamental social categories such as life and death because they do not fit within either logic, or time and space as they are associated with a "time outside of time" and a mythical space (encantaria) that, although it may refer to geographically identifiable places (like rivers and forests), alludes to them as portals or passages to other cosmological dimensions. The current research is in progress, focusing on this category of entities in São Paulo, originally brought from Belém do Pará by Pai Francelino de Xapanã, the founder of Casa de Minas de Thoya Jarina, currently led by Márcio Adriano.

Key-words: encantaria, tambor de mina, cosmology

¹Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

²Doutoranda em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (USP).

Introdução

Falar sobre encantados é falar sobre transgressão. O encantado é uma categoria em trânsito que podemos discutir a partir de um sentido político em que as populações africanas e indígenas não só reconfiguram uma categoria de entidades, mas também concebem um mecanismo em que exista uma continuidade de saberes, cosmologias, tradições, resistindo ao apagamento epistemológico ocasionado pelo sistema colonial. Esta pesquisa está trabalhando com os encantados dentro de um terreiro de tambor de mina, no qual possui uma concepção destas entidades em que estas não passam pelo processo de morte, se encantam.

Estas entidades nos fazem repensar morte, vida e espaço. Não são nem vivos e nem mortos e habitam espaços que estão localizados em diferentes lugares, como “acima das nuvens e abaixo dos céus” (FIGUEIREDO, 1981). Este trabalho propõe pensar os encantados dentro de uma noção de pessoa no qual estas divindades passam por um processo de adaptabilidade e comportamentos que ultrapassam a categoria de tempo como conhecemos.

A partir da colocação transitória dos encantados proposta nesta pesquisa entre vida e morte concomitantemente, há também uma relação destas entidades com o tempo e espaço em que se concentram. A proposta desta pesquisa busca estabelecer uma relação entre o trânsito destes encantados vindos de Belém a São Paulo, com a figura de Pai Francelino de Xapanã, trazendo tradições e liturgias em que são apresentadas em um contexto de uma metrópole no sudeste brasileiro, diferente territorialmente e culturalmente da capital paraense.

A partir de duas entidades: Dona Mariana e Itacolomy da família da Turquia, buscou-se compreender como o pensamento africano passar por inúmeros processos de readaptação em novos territórios buscando compreender o contexto em que as pessoas negras foram escravizadas durante o violento período colonial. Entretanto, as entidades presentes nas religiões de matrizes africanas nos apresentam uma concepção de um mundo diaspórico que se expressa através da arte, do movimento, da oralidade e cosmologia. Esta pesquisa se passa em um terreiro de tambor de mina, a Casa das Minas de Thoya Jarina, liderado atualmente por Pai Márcio Adriano, mas que outrora fora liderado por Pai Francelino de Xapanã. A Casa das Minas de Thoya Jarina está localizada na capital paulista, em Diadema, onde atualmente ainda realizo a minha pesquisa de doutorado.

Apresentando as águas da encantaria

O trajeto deste pequeno texto demonstra como o nosso contato com diferentes formas de conhecimento pode contribuir para o entendimento e renovação do que entendemos como produzir ciência em uma grande universidade. Compreender que existem outras formas de produção de conhecimento que ultrapassam a nossa lógica de entendimento espacial e temporal, nos permitem conceber novas perspectivas cosmológicas que nos orientam a *contracolonizar* o conhecimento dentro da universidade.

Isto não implica em desprezar o que outrora foi construído como base do conhecimento científico, mas, como nos diz Antônio Bispo (2023) a confluência é uma força que rende, aumenta e amplia. Com isto, aprendemos com Nascimento (2018) que a ciência do sagrado nos permite visualizar caminhos tolhidos por um sistema colonial que inviabilizou durante muito tempo estas práticas e se apropriou de boa parte delas.

Falamos também daqueles que não eram responsáveis pela produção de conhecimento, no entanto, sempre estavam dentro deste processo servindo apenas como “objeto de estudo” e que agora estão ativamente escrevendo sobre e sobre aquilo que temos vivido ou de alguma forma somos atravessados pelo campo de pesquisa. Neste sentido, falo por mim, em que o campo me “enfeitiçou” e me fez perceber que existem outras formas de se produzir ciência a partir do que o sagrado pode nos conduzir a produzir e apresentar uma cosmologia que nos mostra como pensar a sociedade humana a partir de uma conexão aproximada com o sagrado sob outra perspectiva além da sociedade-natureza e, como nos diz Fu-Kiau (apud Santana, 2019), a cosmologia também movimenta a sociedade no combate ao colonialismo permitindo com que organizações sociais, sistemas socio estruturais, oralidade possam ser preservados e continuados.

O terreiro tornou-se este espaço de continuidade onde não somente os indivíduos trabalham para que esta organização possa ser preservada, mas, principalmente suas entidades. Aqui abro para falar da categoria dos encantados no tambor de mina que se apresenta enquanto formas de continuidade de memória, afeto e cosmologias que constituem os saberes que extrapolam o espaço dos terreiros. Falar deste trabalho também é falar sobre mim e sobre meu trajeto vindo de Belém do Pará até São Paulo com a ideia fixa em produzir uma pesquisa sobre algo que estaria dentro dos padrões de pesquisa e temas “aceitos” e reconhecidos.

A mudança do tema, o encontro com estas entidades tão familiares no cotidiano de um paraense permitiu com que eu me reencontrasse fora do lugar de onde eu nasci. A pesquisa consiste em investigar a cosmologia destes seres encantados na cidade de São Paulo, onde o

culto havia sido trazido por outro paraense, Francelino de Xapanã. Como eu disse anteriormente, de alguma forma somos afetados e atravessados por nossas pesquisas de modo com que o nosso “fazer científico” parece tornar-se um grande quebra-cabeça onde as peças, quando organizadas pelo trabalho etnográfico, começam a fazer todo o sentido. Da mesma forma que eu me desloquei até São Paulo para construir um tema de pesquisa e precisei me adequar em diferentes aspectos, os encantados passam por um processo semelhante quando seu culto é trazido até aqui.

Processos de diáspora que também passam as divindades cultuadas no tambor de mina. Aqui destaco a diáspora dos voduns com a rainha Na Agontimé, fundadora da casa das minas em São Luís do Maranhão, segundo Pierre Verger (1990). Verger conta a história da rainha do Daomé que havia sido vendida por seu enteado e trazido o culto real dos voduns até São Luís. De acordo com o autor, muitas evidências apontam para este processo transitório destas divindades que passaram a ser cultuadas em terras brasileiras.³

Com o desenvolvimento do tambor de mina, diferentes categorias de entidades foram implementadas ou adaptadas, possuindo uma forte relação de comunicação com os voduns. Os encantados possuem esta relação de maneira estreita. A exemplo disto, cito o vodun *Averequete* ligado ao fogo e o trovão que faz a conexão entre os seres encantados e os voduns colocando-os em harmonia dentro da vida espiritual dos seus “cavalos”.

Críticas, preconceitos e muitos outros instrumentos para deslegitimar sua manifestação estiveram presentes durante muito tempo no tambor de mina em São Paulo. No entanto, falar de encantados também é falar de uma classe não só adaptável, como também transgressora. Os encantados transgridem diferentes categorias, começando por vida e morte pois, não são nem vivos nem mortos, se encantaram. Seu espaço também não é fixo e não possui uma certeza de estar, como conta o professor Napoleão Figueiredo (1981) “acima das nuvens e abaixo dos céus”, o que podem ser inúmeras possibilidades como matas, rios, córregos, praias.

Seu processo de adaptabilidade faz com que os encantados sejam categorias de trânsito, sendo como mediadores culturais de religiosidades presentes na região, pois têm a capacidade de transitar entre as águas, matas, mundo físico e espiritual, tornando a encantaria “uma geografia sagrada sem fixidez no espaço” (VENÂNCIO, 2019, p. 17). Portanto, as matas e as águas seriam o espaço mediador de encontro entre encantados e humanos, e os terreiros seriam locais de materialização destas entidades no corpo mediúnico (Ibid.).

³ Cf. Verger, 1990, p. 151-158.

Há ainda um aspecto pertinente nestas entidades que talvez seja também uma forma de transgressão de uma categoria: a da nobreza. Os encantados por serem classificados em famílias, possuem diferentes características de acordo com as famílias das quais são originados. Citarei aqui as famílias nobres mais conhecidas que são a do Lençol e a da Turquia, lideradas por Rei Sebastião e o Rei da Turquia, respectivamente. Se tratando de nobreza europeia, popularmente, e talvez de maneira estereotipada, possuímos uma ideia de comportamento e códigos sociais.

Os encantados, portanto, iriam apresentar esta nobreza a partir de uma memória reproduzida pelas performances corporais, como normalmente acontece com os cultos aos orixás que estamos familiarizados. A narrativa das divindades, os itans, são transmitidos a partir do corpo em movimento e por sua vocalidade, assim como menciona Leda Maria Martins: “Desde comportamentos mais simples, expressões práticas e hábitos do cotidiano até as mais sofisticadas técnicas, formas, processos cognitivos, pensares mais abstratos e sofisticados, entre eles a cosmopercepção ou filosofia” (2021, p. 36).

No entanto, a performance destas entidades consideradas nobres possui um diferencial considerável. Embora existam muitas entidades que possuem um comportamento mais contido em relação às outras, ainda assim não se encaixa em uma categoria europeizada de comportamento nobre. Em minhas visitas de campo, conheci alguns nobres que me fizeram repensar sobre como uma categoria de nobres europeus é apresentada no tambor de mina. Dois nobres que irei destacar aqui: Itacolomy e Dona Mariana, ambos da família da Turquia. Conheci ambos na Casa das Minas de Thoya Jarina, atualmente liderada por Marcio de Boçu Jara. Seu Itacolomy na cabeça de Pai Márcio e Dona Mariana na cabeça de um dos filhos da casa de Dona Jarina.

Ambos são considerados oriundos de famílias nobres, no entanto, não possuem um comportamento dentro do que compreendemos como europeu ou nobre. Seu Itacolomy é um encantado falante e que gosta de beber sua espumosa ouvindo histórias da vida alheia. Quando nos encontramos, lembro de seu comportamento jocoso e de suas gargalhadas ao ouvir as histórias que eram contadas em sua presença. Seu comportamento transgressor, para a sua categoria, me lembrou muito o de dona Xica Baiana, motivo este que por um instante me fez confundi-lo com ela. Mas pelos seus adereços e cores, percebi que não se tratava de ninguém da família da Baía.

Dona Mariana foi a que mais me deixou reflexiva em campo. “A bela Turca” como é chamada, uma princesa possui também uma forma de se expressar muito distante do que talvez conheçamos como nobreza. Acredito que a maior lembrança que possuo de dona Mariana foi

no último dia da festa de Xapanã na casa de Thoya Jarina. Ao final da celebração, todos os encantados se sentaram e estavam no momento de festejo, conversa e bebida. Isso tudo é acompanhado da “radiola”, a caixinha de som, com as músicas que eles gostam de ouvir neste momento. Vale lembrar que os encantados possuem uma grande capacidade de aprender e absorver coisas da realidade em que se encontram os seus cavalos como músicas, expressões e gestos. Isto se deve ao fato destas entidades se adaptarem a contemporaneidade permitindo com que elas se aproximem cada vez mais dos seres humanos e conseqüentemente externem a sua humanidade.

Normalmente quando estão em terra eles bebem e gostam de apreciar uma boa música. Me recordo que neste período havia se popularizado nas mídias sociais a música “Voando pro Pará” da cantora paraense Joelma e tocava repetidamente em diferentes lugares em São Paulo. Neste momento, dona Mariana pediu que esta música fosse reproduzida e ela se levantou segurando o seu copo de cerveja e começou a reproduzir a dança que a cantora costuma fazer durante as suas apresentações.

Certamente, além de me arrancar boas gargalhadas isso me deixou reflexiva a respeito de como essas entidades nos permitem reconsiderar a forma como foram originadas e repensadas a partir um contexto em que há um atravessamento entre uma categoria europeia tendo como base o pensamento africano. Penso junto com Martins (2021) ao analisar como diferentes conhecimentos, divindades, territorialidades, pensamentos e cosmologias foram reimplantados, reterritorializados e reinventados em processos de readequação. Pensar estas categorias apenas como oriundos de histórias de príncipes e princesas europeias, é desconsiderar todos estes processos pelos quais passou o pensamento dos povos africanos escravizados. Sugiro pensar os encantados, incluindo os “Senhores da Toalha”, como um movimento de readequação de categorias reinventadas a partir do processo histórico da colonização. Isto nos permite compreender a forma como a cultura do terreiro nos traz um acervo histórico recriado e contado a partir da performance corporal.

Isto é apresentado por Luca (2015) utilizando a figura de Dom Manuel, da dinastia Avis, e seu processo de divinização enquanto figura pública e os mitos ligados a ele. Para ela, os encantados dentro da categoria nobre que seriam as figuras relacionadas à expansão marítima portuguesa são divinizados a ponto de serem relacionados com divindades africanas fazendo uma clara referência ao expansionismo europeu no Brasil. Ao mencionar que a divinização destas figuras nobres possuem relação com divindades africanas, a autora parece revelar um modo constitutivo e de reformulação de práticas culturais nas Américas apresentando um processo de readequação e equivalência dentro de um novo sistema cognitivo. Embora algumas

das entidades não sejam conhecidas pela historiografia, existem outras que constituem o período expansionista europeu como Rei Sebastião e Dom Luís de França, por exemplo.

Neste sentido, devo discordar quando ela menciona em um dos tópicos de seu texto ao dizer “Tem branco na Guma”. Meu questionamento se dá a partir do princípio da readequação dos povos africanos e o reagrupamento de diferentes formas de conhecimento no Brasil. Como diferentes grupos étnicos foram destituídos e a organização se deu a partir de novos reagrupamentos, em minha perspectiva a nobreza referenciada no tambor de mina jeje-nagô não é necessariamente uma referência branca e europeia. Podemos pensar a partir da construção de uma memória e de referências de conhecimentos vindos da África e que passam por processos de reterritorialização. Como diz Leda Maria Martins a “África engravida as Américas”.

A lógica transgressora da encantaria

Observar os encantados neste sentido, nos permite compreender como os povos africanos construíram uma narrativa oriunda de uma realidade vivida e que se mantém pulsante dentro dos terreiros. Ao iniciar minhas pesquisas no tambor de mina, sempre fiquei intrigada com o fato de reis, ou nobres europeus terem se tornado divindades e estarem dentro do calendário litúrgico do terreiro. Possivelmente isto seria motivo para reproduzir discursos de que a figura do colonizador é reverenciada em terreiros de religiões de matriz africana. Entretanto, ao cair neste discurso acabamos reproduzindo de algum modo o pensamento colonizador no qual coloca os povos africanos em uma situação de total passividade e sem capacidade cognitiva para reformular ou reordenar suas tradições e valores culturais. Souza (2016) menciona sobre como os símbolos cristãos, como os crucifixos, ao chegarem ao Congo foram reinterpretados a partir da cosmogonia local e criaram outras formas de representação de poder com a incorporação do catolicismo ao pensamento local. Isto deixa evidente a forma como os africanos conduziram de maneira semelhante novos ordenamentos simbólicos que servissem como referência mediante às circunstâncias oriundas do processo colonial.

A partir da performance e da arte foi possível expressar pensamentos, cosmologias, percepções e interpretações de um mundo que nascia de um processo diaspórico, permitindo com que se criasse uma noção de pertencimento nestes indivíduos.

Como estilo cultural, essas práticas incorporam e ilustram valores, são um modo de apreensão e interpretação do mundo e, ainda, um meio de

permanência e de pertencimento dos indivíduos por elas circunscritos no desejado prazer de ser, estar, existir, consonar, distribuir e irradiar (MARTINS, 2021, p. 73).

Ao analisarmos a partir desta perspectiva a categoria dos encantados, considerando a sua concepção dentro desta interpretação, notamos que a ideia de que sua concepção se origina a partir de histórias europeias parece ter alguns equívocos. Se por um lado Maués e Galvão (2005; 1953) afirmam que os seres encantados surgem, sobretudo, a partir de lendas europeias de príncipes e de princesas encantadas, é muito possível haver muito mais de uma cosmologia africana do que necessariamente europeia.

A lógica desta categoria de entidades é justamente não ter uma lógica no sentido não só de sua existência, como também da sua real origem. O que podemos compreender tendo como base uma análise da cultura africana e afro-brasileira é que há um processo de reordenamento e reinterpretação das imagens daqueles que viriam a se tornar seres divinizados ou encantados. A forma como é descrito como estes seres se encantaram rememoram muitos itans iorubás, por exemplo. O mais popular seria o de Ogum que após matar a todos do seu reino por estarem em silêncio proposto por ele mesmo, enterra a sua espada no chão e desaparece tornando-se uma divindade. Ao analisarmos a estrutura destas histórias, percebemos que existem fios que os conectam e nos permitem compreender sua origem e continuidade dentro de uma ótica em que estas histórias se repetem a partir de outras figuras presentes em um novo contexto social e histórico.

Embora os comparativos pareçam desordenados pois, existem diferenças entre tradições religiosas como tambor de mina e candomblé, a comparação de Ogum com a narrativa de como acontece um encantamento é justamente para mostrar que a origem possui muito mais relação com o continente africano embora as categorias de entidades pertençam a diferentes grupos étnicos. A confluência de saberes permitiu com que estas manifestações pudessem ser construídas a partir de algo que já havia sido vivido e presenciado por estes grupos.

Ao me aprofundar na pesquisa sobre os encantados não desconsiderei o que já havia sido produzido acerca de sua origem e suas formas de manifestação. Boa parte dos trabalhos etnográficos produzidos fala sobre os encantados como uma categoria fantástica ou como brancos que foram divinizados no terreiro remetendo a uma forma de paradigma do “colonizado louvar o colonizador” e novamente eu repenso e me utilizo também do trabalho etnográfico apresentando outra perspectiva para pensar esta categoria. Os encantados possuem seus mistérios que envolvem não só o seu lugar de morada, mas também como acessá-lo. Existem

diversos trabalhos com relatos de horários e lugares que seres humanos não devem ir com o risco de se encantar e não retornar mais ao mundo.

O processo de encantamento é um mistério, o que se sabe são alguns relatos populares que foram registrados por pesquisadores que nos ajudam a compreender este processo de trânsito. Lugares de encantamento são bastante comuns nos estados do Maranhão e do Pará, os mais conhecidos são a praia dos Lençóis e a ilha de Maiandeuá no Pará. Ambas possuem uma certa equivalência pois tem relação com Rei Sebastião de Portugal. A ilha de Maiandeuá, popularmente conhecida como ilha de Algodal, possui forte relação com os encantados, sobretudo com Rei Sebastião. Localizada no município de Maracanã, região do Salgado, nordeste do estado do Pará, a ilha possui relatos populares de que Rei Sebastião teria também se encantado por lá e uma das praias conhecida como “Praia da Princesa” pertenceria à sua filha (MAUÉS, 2005).

O processo de encantamento rompe com as linhas do que conhecemos enquanto limites da existência. O encantado não passa pelo processo de morte, podendo se encantar em plantas, rochas, animais ou passar de um estado em que seu corpo se torna invisível permitindo com que seu trânsito seja de acordo com a mobilidade daqueles que o carregam, seus cavalos. Temos como grande exemplo de encantamento em rocha a “Pedra do Rei Sabá” localizada na ilha de Fortaleza no município de Pirabas, nordeste do Pará. Segundo relatos da população mais antiga, ele havia chegado com uma de suas filhas, Mariana, em um navio negreiro sentou-se de frente para o horizonte e encantou-se. De longe a pedra possui um formato que lembra um ser humano sentado.

Se pensarmos na ideia dos encantados a partir de Fu-Kiau em que “os mortos não estão mortos: eles são apenas seres vivendo além da muralha esperando pelo seu provável retorno” (Fu-Kiau apud Santos, 2019), ainda que os seres encantados não sejam mortos na perspectiva do tambor de mina, temos um ponto de partida de uma concepção de existência destas entidades com base na cosmologia bakongo. A “Pedra do Rei Sabá” assim como Rei Sebastião nos Lençóis Maranhenses estão diante da crença dos devotos de que um dia irão retornar e governar este mundo, dialogando com a filosofia bantu discutida por Fu-Kiau.

Podemos iniciar com a compreensão da kalunga. Kalunga teria sido uma força de fogo completa em si mesma que explodiu em um espaço vazio e se tornou a fonte de vida no planeta Terra passando a ser concebida enquanto um princípio de mudança. Ainda segundo Fu-Kiau (apud Santos, 2019), a kalunga passa por um processo de esfriamento e a matéria em fusão produz água, rios e montanhas. O mundo tornou-se então uma realidade física pairando na kalunga no qual metade emerge para a vida terrestre e a outra metade submerge à vida

submarina e ao mundo espiritual. A Kalunga passa a ser uma parede entre estes dois mundos, um princípio deus-mudança: “aquele que cruza a linha da kalunga torna-se um verdadeiro conhecedor do que está marcado na mente e no corpo” (ibid., p. 31).

O cosmograma bakongo possui uma concepção da existência humana baseada em ciclos, onde a linha horizontal representa a kalunga dividindo o mundo dos vivos e o mundo dos ancestrais. O círculo gira em sentido anti-horário iniciando por Musoni que pode ser considerado um estado germinativo, seguido por Kala onde há o nascimento, Tukula em que marca o estágio do amadurecimento fazendo uma conexão com a linha vertical dos ancestrais e por fim, Luvemba que seria a morte. Iremos nos ater ao “tukula”, ou amadurecimento, para compreender como, por exemplo, Rei Sabá pode ter se encantado. Rei Sabá, de acordo com relatos populares, encantou-se ao olhar para o horizonte.

Ao observar o cosmograma bakongo considerando a conexão que o ciclo de tukula possui com o mundo espiritual (*mpemba*) podemos dialogar entre duas orientações cognitivas que estão caminhando lado a lado. Como não se explica a forma como esta categoria se produz, apenas se entende que não morreu, me parece ter uma forte relação destas entidades com a cosmogonia bantu, indo além da produção de alguns autores em que esta categoria seria originada a partir de histórias de príncipes e princesas europeias.

Pequenas considerações não finais

Como podemos perceber, existem muitas formas de interpretar e compreender esta categoria de entidades a partir de uma orientação cognitiva dos povos afrodiáspóricos nos apresentando diálogos e convergências que caracterizam a capacidade e adaptabilidade destes povos diante de todo o processo violento da colonização. Me parece que o ditado “nem tudo é o que parece ser” se aplica muito bem quando falamos dos encantados, principalmente quando falamos que uma nobreza europeia se estabeleceu nos terreiros de mina.

Compreender outras formas de interpretação destas entidades a partir de uma ótica de reestruturação destes povos em um novo território, nos permite perceber que há uma estratégia em que estas religiosidades conseguem reformular novas maneiras de se adaptar ao processo diáspórico.

Referências

- BISPO DOS SANTOS, Antônio. A terra dá a terra quer. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.
- FIGUEIREDO, Napoleão. (2011). Todas as divindades se encontram nas "encantarias" de Belém. *Ciência & Trópico*, 9 (1), 1981.
Recuperado de <https://fundaj.emnuvens.com.br/CIC/article/view/254>
- FU-KIAU, Bunseki. Cosmologia africana dos Bantu-Kogo. Princípios de Vida & Vivência. In: SANTOS, Tiganá Santana Neves. Santos, Tiganá Santana Neves. A cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunseki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Modernas. São Paulo/SP, 2019.
- GALVÃO, Eduardo. Vida religiosa do caboclo da Amazônia. *Boletim do Museu Nacional. Nova Série: Antropologia*, n. 15, 1953.
- LUCA, Taissa Tavernard de. Dom Manoel (O Venturoso): o rei expansionista do tambor de Mina Amazônico. *Estudos de religião*, v. 29, n. 2, p. 194-220, 2015.
- MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela. 1. ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião. *Estudos avançados*, v. 19, p. 259-274, 2005.
- NASCIMENTO, Ana Lúcia Cardoso. Ciência do sagrado na Amazônia. Encontros entre a tradição e modernidade nas práticas de pajelanças e religiões afro-brasileiras. Orientadora: Ligia T. L. Simonian. 2018. 379 f. Tese (Doutorado em Ciências do Desenvolvimento Socioambiental) - Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.
- SOUZA, M. DE M. E .. O CRISTIANISMO CONGO E AS RELAÇÕES ATLÂNTICAS. *Revista de História (São Paulo)*, n. 175, p. 451–463, jul. 2016.
- VENÂNCIO, Sariza Oliveira Caetano. A religião dos encantados: os encantados como mediadores culturais no norte do Tocantins. 2019. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Campinas, 2019.
- VERGER, Pierre. Uma rainha africana mãe de santo em São Luís. *Revista USP*, n. 6, p. 151-158, 1990.